

ENSINAR É UM ATO DE LIBERDADE: Diálogos entre Autonomia e Emancipação na obra de Paulo Freire

Bergson Pereira Utta ¹
Ádria Karoline Souza de Aquino Utta ²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre as contribuições das ideias de Paulo Freire para a compreensão do ato de ensinar como prática de liberdade e emancipação, com base nas obras *Pedagogia da Autonomia* e *Educação como Prática da Liberdade*. Esta pesquisa se justifica pela necessidade de revisitar fundamentos teóricos que orientem práticas docentes comprometidas com a autonomia, o respeito à dignidade humana e a transformação social, em um cenário marcado por retrocessos nas políticas educacionais e ataques à pedagogia crítica. A pesquisa está fundamentada no referencial teórico de Paulo Freire, articulado com autores como Bell Hooks, Henry Giroux, Miguel Arroyo, António Nóvoa, Michael Apple, Catherine Walsh e Enrique Dussel, que reforçam a importância de uma educação voltada para a justiça social e a emancipação dos sujeitos. A abordagem metodológica adotada foi qualitativa, de natureza bibliográfica e analítica, com base na técnica de análise de conteúdo de Bardin (2016). A leitura sistemática das obras resultou na construção de três categorias analíticas que organizaram os achados: a docência como ato político e amoroso, a autonomia como processo formativo e inacabado e a liberdade como fundamento do saber crítico. Os resultados revelaram que ensinar, na perspectiva freiriana, não é uma ação neutra, mas um ato ético e político, que exige diálogo, compromisso com os educandos e responsabilidade com o mundo. Concluimos que a pedagogia de Paulo Freire permanece atual e necessária, oferecendo fundamentos sólidos para práticas educativas que resistam ao esvaziamento da escola e da formação docente. O estudo propõe, ainda, o fortalecimento de políticas públicas que valorizem a formação crítica dos professores e a inserção de práticas pedagógicas que promovam a autonomia dos sujeitos. Ensinar como ato de liberdade é, portanto, uma escolha política e um gesto de esperança ativa.

Palavras-chave: Paulo Freire, Autonomia, Liberdade, Emancipação, Prática docente.

INTRODUÇÃO

No contexto educacional contemporâneo, marcado por profundas desigualdades sociais, ataques às práticas pedagógicas críticas e esvaziamento da função social da escola, torna-se urgente revisitar os fundamentos teóricos e éticos da docência. Frente a esse cenário, a obra de Paulo Freire emerge como um farol que ilumina caminhos possíveis para uma prática educativa comprometida com a autonomia, a liberdade e a emancipação dos sujeitos. Seu pensamento convida educadores e educadoras a assumirem o ato de ensinar como um exercício político, amoroso e transformador.

A escolha do título “ENSINAR É UM ATO DE LIBERDADE: Diálogos entre Autonomia e Emancipação na obra de Paulo Freire” traduz o sentido dessa pesquisa, que visa

1 Graduado em Pedagogia (2003); Doutor em Educação Pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2022) com tese sobre a Docência Encantadora na educação; Mestre em Educação pela Universidade Federal do Maranhão (2011) com dissertação sobre a prática educativa na educação superior; Docente na Educação Superior na UFMA; Coordenador institucional do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID); E-mail: bergson.utta@ufma.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1104-0732>.

2 Graduada em Pedagogia (2003); Mestra em Educação pela Universidade Federal do Maranhão (2022) com dissertação sobre os Centros Educa Mais como um inédito viável na educação do Maranhão; Servidora da SEDUC-MA; Coordenadora pedagógica no IEMA Integral Bilingue; E-mail: adriautta@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0213-7070>.



compreender como as ideias freirianas, especialmente nas obras *Pedagogia da Autonomia* (2019a) e *Educação como Prática da Liberdade* (2019b), podem contribuir para a ressignificação da prática docente em tempos de desumanização e tecnicismo. A educação que liberta é aquela que reconhece o sujeito como ser inacabado e capaz de transformar o mundo. Ensinar, portanto, é muito mais do que transmitir conteúdos – é um gesto ético de criação de sentidos e de afirmação da dignidade humana.

Esta pesquisa justifica-se pela atualidade e urgência das ideias de Freire frente à crise dos valores democráticos, à mercantilização do ensino e ao enfraquecimento das políticas públicas de valorização docente. Retomar a pedagogia da autonomia e da liberdade significa reafirmar a educação como um direito de todos e como um espaço de resistência e esperança. Além disso, buscamos com este trabalho fortalecer os estudos que abordam a docência como práxis, entendida como a união entre ação e reflexão, em um momento em que se tenta neutralizar e despoliticizar a formação dos professores.

O objeto desta pesquisa consiste nas concepções de ensino, autonomia e emancipação presentes nas obras supracitadas de Paulo Freire, que são aqui analisadas enquanto fundamentos éticos e políticos da prática educativa. O foco recai sobre o modo como tais concepções iluminam e desafiam o fazer pedagógico na atualidade, oferecendo caminhos para a construção de uma escola democrática, dialógica e humanizadora.

A questão norteadora que orienta este estudo é: como as ideias de Paulo Freire sobre autonomia e liberdade contribuem para a reinvenção da prática educativa no contexto contemporâneo? A partir dessa indagação, delineamos como objetivo: refletir sobre as contribuições das ideias de Paulo Freire para a compreensão do ato de ensinar como uma prática de liberdade e autonomia, com base nas obras *Pedagogia da Autonomia* e *Educação como Prática da Liberdade*.

Para responder à questão proposta, optamos por uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico e analítico, ancorada em uma abordagem crítico-interpretativa. A análise das obras de Freire foi orientada pela técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2016), a partir da qual emergiram três categorias analíticas que estruturaram a seção de resultados e discussão: (1) a docência como ato político e amoroso; (2) a autonomia como processo formativo e inacabado; e (3) a liberdade como fundamento do saber crítico.

Além das contribuições de Freire, foram incorporados ao referencial teórico autores como Bell Hooks (2013), Henry Giroux (1997), Miguel Arroyo (2017), Michael Apple (2006), António Nóvoa (1999), Enrique Dussel (2017) e Catherine Walsh (2009), que, em distintas abordagens, reforçam a importância da educação como prática de resistência e lugar de formação de sujeitos críticos e comprometidos com a transformação social.

A estrutura do artigo está organizada da seguinte forma: iniciamos com esta introdução; seguimos com a seção de Fundamentação Teórica, na qual discutimos os principais conceitos de Freire que dialogam com o ato de ensinar enquanto exercício de liberdade e emancipação. Em seguida, na seção Resultados e Discussão, apresentamos as categorias analíticas emergentes da análise das obras e suas implicações para a prática docente. Na Metodologia, detalhamos os caminhos teóricos e as técnicas de análise utilizadas. Por fim, nas Considerações Finais retomamos os objetivos, sintetizamos os achados e apontamos possibilidades de aplicação e de novas investigações.



É importante destacar que esta pesquisa não pretende esgotar as contribuições de Paulo Freire, mas evidenciar aspectos centrais de sua obra que seguem vivos e necessários na luta por uma educação crítica e humanizadora. Ao revisitarmos *Educação como Prática da Liberdade* e *Pedagogia da Autonomia*, reafirmamos a força política do ato de ensinar e a esperança como um componente essencial do fazer docente.

Conforme apontamos nas considerações finais, ensinar como ato de liberdade não é uma abstração, mas uma prática cotidiana e radicalmente comprometida com a transformação do mundo. Trata-se de um chamado ético e político para que os educadores se reconheçam como sujeitos históricos, autores de suas práticas e agentes de mudança. Que esta pesquisa possa inspirar outras leituras, ações e resistências pedagógicas fundadas na boniteza e no compromisso de ensinar com esperança.

METODOLOGIA

Este artigo configura-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, de base bibliográfica e analítica, fundamentada em uma abordagem crítico-interpretativa. A escolha por essa abordagem metodológica justifica-se pela intenção de compreender, de forma aprofundada e reflexiva, as concepções de Paulo Freire sobre o ato de ensinar, a autonomia docente e a liberdade como princípios fundantes da prática educativa. Assim, optamos por um percurso investigativo que privilegia a análise de obras e a produção de sentidos a partir de referenciais teóricos relevantes no campo da educação crítica.

A investigação teve como objeto central as ideias desenvolvidas por Paulo Freire nas obras *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa* (2019a) e *Educação como Prática da Liberdade* (2019b). Esses dois textos foram selecionados por constituírem pilares fundamentais para a compreensão do pensamento freiriano no que tange à prática pedagógica emancipadora, à autonomia do educador e à concepção de ensino como um ato ético e político.

A análise do material bibliográfico foi realizada por meio da técnica de análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2016), que permite organizar e interpretar dados textuais de maneira sistemática e objetiva. Foram estabelecidas três categorias analíticas, emergentes a partir da leitura flutuante, codificação e posterior categorização: (1) A docência como ato político e amoroso; (2) A autonomia como processo formativo e inacabado; e (3) A liberdade como fundamento do saber crítico. Esses eixos nortearam a organização dos resultados e a elaboração das discussões.

Para ampliar o diálogo com as obras freirianas e fortalecer o caráter crítico da pesquisa, foram incorporadas contribuições de autores como Bell Hooks (2013), Henry Giroux (1997), Miguel Arroyo (2017), Catherine Walsh (2009), António Nóvoa (1999), Enrique Dussel (2017) e Michael Apple (2006). Estes interlocutores colaboraram para aprofundar as reflexões sobre docência crítica, interculturalidade, colonialidade do saber, formação docente e currículo como prática social.

No que tange ao tratamento dos dados, a leitura e interpretação dos textos selecionados buscaram respeitar o contexto histórico e conceitual das obras, evitando reducionismos ou deslocamentos arbitrários. A análise foi orientada por princípios éticos,



como o respeito à autoria, à integridade das ideias e à fidelidade aos textos originais. Todas as citações foram devidamente referenciadas, conforme normas científicas.

Embora a pesquisa seja de natureza bibliográfica, o rigor ético foi assegurado em todas as etapas do trabalho. Por não envolver sujeitos humanos, não foi necessário o encaminhamento ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016). No entanto, reafirmamos o compromisso com a ética acadêmica, o uso responsável das fontes e a valorização da pluralidade de pensamentos.

A construção das categorias analíticas e a sistematização dos resultados seguiram critérios de coerência interna, pertinência com os objetivos da pesquisa e densidade teórica. As interpretações foram elaboradas à luz dos princípios freirianos e das discussões contemporâneas sobre educação crítica, sempre considerando as tensões e contradições presentes no campo educacional. Assim, buscamos articular teoria e análise em uma perspectiva ético-política e reflexiva.

Por fim, esta metodologia não se pretendeu neutra ou descomprometida. Ao contrário, assumimos aqui uma postura investigativa engajada, que compreende a educação como prática de liberdade e a pesquisa como um ato de intervenção no mundo. Essa perspectiva freiriana orientou todo o percurso metodológico e garantiu coerência entre o objeto de estudo, os objetivos da pesquisa e os caminhos escolhidos para alcançá-los.

REFERENCIAL TEÓRICO

A prática educativa, para Paulo Freire, jamais pode ser neutra. Ela se configura como um ato político, ético e estético. Em *Pedagogia da Autonomia* (2019), Freire afirma que "[...] ensinar exige autonomia, exige respeito à autonomia do ser do educando" (Freire, 2019a, p. 70). Essa concepção rompe com práticas bancárias e reproduтивistas de ensino, propondo um modelo educativo que se anora na liberdade e na dignidade humana como fundamentos da ação pedagógica.

A centralidade do educando na prática docente não se dá de forma passiva ou meramente técnica. A autonomia, como destaca Freire, não é um ponto de chegada, mas um processo contínuo de constituição do sujeito na sua relação com o mundo. Assim, a pedagogia da autonomia se materializa no compromisso do educador em formar sujeitos críticos e conscientes de sua realidade, capazes de transformá-la.

Essa transformação se anora no diálogo, que Freire entende como o elemento fundante de uma educação verdadeiramente libertadora. "[...] ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatisados pelo mundo" (Freire, 2019b, p. 67). Essa célebre afirmação em *Educação como Prática da Liberdade* nos leva à compreensão do processo educativo como um movimento dialógico e coletivo, no qual o saber é construído na troca e na problematização da realidade.

O ato de ensinar, portanto, é também um ato de escuta e de humildade. Freire adverte contra o autoritarismo pedagógico, chamando os educadores a reconhecerem que ensinar exige rigorosidade metódica, curiosidade e um profundo compromisso ético com a emancipação dos sujeitos. O professor que ensina com autonomia não impõe verdades, mas compartilha caminhos possíveis para o conhecimento.



A liberdade, enquanto eixo estruturante do pensamento freiriano, está profundamente relacionada à consciência crítica. Freire propõe que a educação deve ser um exercício permanente de leitura do mundo, no qual educadores e educandos se reconhecem como sujeitos históricos. "A leitura do mundo precede a leitura da palavra" (Freire, 2019b, p. 13), e é nesse gesto inaugural que se inicia a prática de liberdade.

Na perspectiva da pedagogia freiriana, não há liberdade sem responsabilidade. Ensinar é assumir o compromisso de formar sujeitos capazes de decidir, escolher e agir sobre o mundo com ética e criticidade. Por isso, "[...] ensinar exige respeito aos saberes dos educandos" (Freire, 2019a, p. 32), pois é a partir de seus contextos, histórias e vivências que se constrói um processo educativo significativo.

A prática docente pautada pela autonomia exige, ainda, a superação da lógica neoliberal que transforma a educação em mercadoria e o professor em mero executor de conteúdos. Como alerta Saviani (2008), a educação precisa ser compreendida em sua dimensão político-social, enquanto prática que participa da construção da cidadania e da transformação da sociedade. Nesse sentido, a pedagogia freiriana se contrapõe à instrumentalização do ensino.

Freire nos convoca a compreender a docência como um exercício de esperança, mesmo em contextos adversos. A autonomia do educador está em sua capacidade de resistir à desesperança e afirmar a potência da educação como prática da liberdade. "A esperança, enquanto necessidade ontológica, precisa da prática para tornar-se concretude histórica" (Freire, 2019a, p. 109).

Essa esperança não é ingênuo nem alienada. Ela é um ato político que alimenta a coragem de ensinar em contextos marcados pela desigualdade, exclusão e negação de direitos. Em diálogo com Bell Hooks (2013), podemos reforçar que a educação como prática de liberdade exige um posicionamento pedagógico radical, que recuse qualquer forma de opressão e promova o florescimento de todos os sujeitos envolvidos no processo educativo.

A construção da autonomia se dá, também, no reconhecimento do educador como sujeito de saber e de experiência. Ensinar exige pesquisa, exige inquietação permanente, como ressalta Freire (2019a). Ao investigar, o professor se aproxima da realidade concreta dos educandos, problematizando suas condições e criando possibilidades para uma aprendizagem significativa e transformadora.

Nesse sentido, a pedagogia da autonomia não separa teoria e prática, pensamento e ação. Trata-se de uma pedagogia em que o conhecimento não é algo a ser transmitido, mas construído na e pela prática social. É o que Giroux (1997) chama de "intelectual transformador", um educador comprometido com a leitura crítica da realidade e com a intervenção ética e política no mundo.

O diálogo entre *Educação como Prática da Liberdade* e *Pedagogia da Autonomia* revela uma coerência epistemológica e ética na obra de Paulo Freire. Em ambos os livros, encontramos a denúncia da educação bancária e a proposta de uma pedagogia libertadora, sustentada no amor, no diálogo, na humildade e no compromisso com os oprimidos. Como destaca Freire, "[...] ninguém luta sozinho. Ninguém se liberta sozinho. Ninguém se educa sozinho" (Freire, 2019b, p. 28).

Por isso, o ato de ensinar não pode ser neutro. Ele implica uma tomada de posição diante da realidade. Implica reconhecer que o conhecimento não é propriedade de uma elite,

mas direito de todos. A pedagogia freiriana, nesse sentido, resiste à padronização curricular e à tecnocracia educacional, defendendo a pluralidade de saberes e a valorização da cultura popular.

Ensinar como ato de liberdade, então, não se realiza apenas em sala de aula, mas nas relações que se estabelecem entre educadores e educandos, na gestão democrática da escola, na produção coletiva do conhecimento e na luta cotidiana por justiça social. É uma pedagogia que comprehende a educação como um processo inacabado, em constante reconstrução.

A contribuição de Freire se torna ainda mais urgente nos dias atuais, em que assistimos à desvalorização da docência, à perseguição de práticas pedagógicas críticas e à redução da escola a um espaço de treinamento para o mercado. Recuperar Freire é reafirmar o papel da educação na formação de sujeitos conscientes, críticos e engajados.

Por fim, pensar a educação como prática de liberdade e ensinar como exercício da autonomia é também um gesto de amor político, como propõe Freire. Um amor que não se submete à lógica da dominação, mas que aposta no potencial libertador de cada ser humano. Como ele próprio afirma: “ensinar exige alegria e esperança” (Freire, 2019a, p. 92), e é nesse horizonte que a educação encontra seu verdadeiro sentido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados, estruturada a partir da leitura sistemática das obras *Pedagogia da Autonomia* (Freire, 2019a) e *Educação como Prática da Liberdade* (Freire, 2019b), revelou três categorias centrais que sustentam a compreensão do ato de ensinar como uma prática ético-política e emancipadora: (1) A Docência como ato político e amoroso; (2) Autonomia como processo formativo e inacabado; e (3) Liberdade como fundamento do saber crítico. Cada categoria foi desdobrada em núcleos de sentido que ajudaram a evidenciar as contribuições freirianas para a prática educativa.

A primeira categoria – A Docência como ato político e amoroso – emergiu da compreensão freiriana de que ensinar é um gesto que implica engajamento com a transformação social. Freire afirma: “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro” (Freire, 2019a, p. 23). Essa afirmação reforça que o ato de ensinar deve ser tecido em relações dialógicas e afetivas, sem perder sua intencionalidade política.

Neste sentido, os dados revelam que a prática docente ganha densidade ética quando é orientada pelo amor político – aquele que se compromete com o outro, reconhecendo-o como sujeito histórico e de direitos. Bell Hooks (2013, p. 56) reforça essa ideia ao afirmar que “[...] ensinar é um ato de amor que exige coragem, escuta e disposição para romper com práticas opressoras”. Assim, o educador não apenas ensina conteúdos, mas mobiliza sentidos, afetos e possibilidades de transformação.

A segunda categoria – Autonomia como processo formativo e inacabado – reforça a tese freiriana de que ninguém é sujeito da autonomia de outrem. A autonomia não se transfere, mas se cultiva. Ensinar com autonomia, como aponta Freire, “[...] é respeitar a autonomia do ser do educando” (Freire, 2019a, p. 70), considerando sua cultura, linguagem, território e tempo. Os dados demonstraram que o respeito à autonomia é inseparável da



valorização do saber cotidiano dos estudantes, o que fortalece sua autoconfiança e protagonismo.

Nessa linha, Nóvoa (1999) afirma que o professor é um “autor da sua prática”, e essa autoria exige condições concretas para o exercício da autonomia docente. As práticas pedagógicas orientadas por Freire rompem com a lógica da obediência cega e da reprodução de métodos impostos, abrindo espaço para uma docência investigativa, reflexiva e crítica.

A terceira categoria – Liberdade como fundamento do saber crítico – sustenta-se no princípio de que ensinar é, antes de tudo, possibilitar que o educando pense por si mesmo. Freire defende que “[...] ensinar exige pensar certo com os educandos e não para os educandos” (Freire, 2019a, p. 42). Assim, a liberdade se configura como uma condição ontológica do processo educativo, pois sem liberdade não há pensamento crítico, nem possibilidade de leitura transformadora do mundo.

Os achados reforçam que a liberdade, na concepção freiriana, não é um dado, mas uma conquista coletiva, construída no exercício cotidiano da problematização. Essa prática crítica rompe com a verticalização do saber, que transforma o educador em transmissor e o aluno em recipiente. A liberdade pedagógica, ao contrário, exige a escuta ativa, a dúvida sistemática e a construção coletiva do conhecimento.

Outra dimensão importante revelada pelos dados é a valorização da experiência como ponto de partida da prática educativa. Em *Educação como Prática da Liberdade*, Freire afirma que “[...] a libertação é uma práxis: a ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (Freire, 2019b, p. 33). Esse trecho sinaliza que a prática docente libertadora nasce da vida concreta dos sujeitos e não de idealizações abstratas.

A escuta sensível ao contexto, à cultura e às vivências dos educandos é condição para que o ensino seja significativo. Os dados indicam que práticas docentes inspiradas em Freire evitam receitas prontas e apostam em uma educação que se reinventa com os sujeitos, nos territórios e tempos em que se realiza. Como destaca Arroyo (2017, p. 78), é necessário “[...] assumir o compromisso com a formação humana em sua inteireza, reconhecendo os saberes das periferias, das quebradas e dos becos”.

Ainda dentro da dimensão política do ensino, os dados evidenciam que Freire propõe uma ética da responsabilidade no exercício docente. O professor, ao ensinar, assume uma posição frente ao mundo. Freire alerta: “ensinar exige compromisso” (Freire, 2019a, p. 87), e esse compromisso não se limita ao conteúdo, mas se estende à luta por justiça social e equidade. A formação docente, portanto, não pode ignorar os contextos históricos e políticos em que atua.

A análise crítica dos dados revelou também que o diálogo é um método e um valor na prática educativa. Ensinar dialogicamente é reconhecer o outro como legítimo interlocutor, é abrir-se ao inédito, é romper com a lógica da imposição. Para Freire, “[...] se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não posso entrar em diálogo” (Freire, 2019b, p. 74). O amor, aqui, é uma categoria epistemológica e política que sustenta o diálogo como base da educação libertadora.

Os dados apontaram ainda que a pedagogia da autonomia freiriana não é utopia ingênua, mas projeto radicalmente realista, que acredita na potência transformadora da educação. Essa pedagogia se sustenta na consciência histórica de que a escola, embora limitada por estruturas de poder, pode ser também um espaço de resistência. Como aponta

Apple (2006), o currículo é um campo de disputa, e o professor é um agente político nessa arena.

No campo da formação docente, os achados reforçam a necessidade de construir processos formativos que valorizem a experiência, a reflexão crítica e a consciência ética. Freire destaca que “[...] ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo” (Freire, 2019a, p. 53). Portanto, formar professores e professoras implica prepará-los para compreender e intervir nas contradições da sociedade.

As discussões revelaram também que ensinar como ato de liberdade exige coragem para romper com modelos cristalizados de ensino. Freire propõe uma pedagogia que desafia a neutralidade, a indiferença e o medo. Ele afirma: “[...] o medo da liberdade afasta os homens de si mesmos” (Freire, 2019b, p. 29). Ensinar, então, é um exercício contínuo de libertação de si e do outro, em direção a uma humanidade mais justa.

Além disso, os dados sugerem que as escolas que adotam princípios freirianos favorecem o protagonismo estudantil, a construção colaborativa do saber e a abertura para o diálogo intercultural. Essa postura pedagógica rompe com a escola colonizadora e elitista, abrindo espaço para vozes plurais e saberes historicamente marginalizados, como defendem Walsh (2009) e Dussel (2017).

Dessa forma, os resultados desta investigação demonstraram que a pedagogia de Paulo Freire oferece fundamentos teóricos e éticos para reconfigurar a prática docente em direção à autonomia, à liberdade e à emancipação. Essa reconfiguração exige políticas públicas que valorizem a formação continuada, os espaços de escuta e a autonomia curricular das escolas.

Por fim, ensinar como ato de liberdade, à luz de Freire, é ensinar com o coração e com a razão, com a esperança e com a crítica, com os pés no chão da realidade e os olhos voltados para o horizonte do inédito. “Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível” (Freire, 2019a, p. 132). Acreditar nessa possibilidade é, em si, um ato de resistência pedagógica e política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo central refletir sobre as contribuições das ideias de Paulo Freire, especialmente nas obras *Pedagogia da Autonomia* e *Educação como Prática da Liberdade*, visando favorecer à construção de uma prática docente que se fundamente na autonomia, na liberdade e na emancipação humana. A partir da leitura crítica e sistematização teórico-analítica desses textos, buscamos compreender em que medida o ato de ensinar pode ser ressignificado como um exercício ético, político e transformador. A questão norteadora que guiou este trabalho foi: Como as ideias de Paulo Freire sobre autonomia e liberdade contribuem para a reinvenção da prática educativa no contexto contemporâneo?

As análises desenvolvidas ao longo do artigo permitiram reafirmar que ensinar, na perspectiva freiriana, não é apenas uma transmissão de conteúdos, mas uma forma de intervir no mundo. Trata-se de uma práxis que exige compromisso com a vida, com o outro e com os sentidos atribuídos ao conhecimento. A autonomia do educando e do educador aparece, assim, como núcleo articulador da prática pedagógica libertadora, pois é somente na liberdade que se constitui um sujeito crítico, capaz de interpretar e transformar sua realidade.



Os resultados evidenciaram que ensinar é, necessariamente, um ato político, e não um gesto técnico ou neutro. Essa politização da docência não significa partidarismo, mas sim um posicionamento ético diante da vida e das estruturas que a condicionam. Paulo Freire nos ensina que “[...] ensinar exige ética, estética e política” (Freire, 2019a, p. 127), e é nesse entrelaçamento que o ensino se transforma em um instrumento de emancipação.

Além disso, foi possível observar que a autonomia não é um ponto de chegada, mas um processo inacabado que se constrói nas relações entre educadores, educandos e o mundo. O respeito aos saberes prévios dos estudantes, à sua cultura, às suas histórias e formas de ler o mundo é uma condição essencial para a construção de uma pedagogia libertadora. Esse respeito se traduz em práticas educativas que valorizam a escuta, o diálogo e a problematização.

Nesse sentido, o artigo também apontou para a necessidade de uma formação docente que seja coerente com tais princípios. A docência, para ser um ato de liberdade, precisa ser continuamente repensada, reavaliada e reconstruída a partir de práticas reflexivas, dialógicas e comprometidas com a justiça social. Como sugerem Giroux (1997) e Arroyo (2017), é imprescindível que o professor se perceba como um sujeito de saber e de intervenção política no espaço educativo.

A partir dessas reflexões, podemos afirmar que o pensamento de Paulo Freire permanece atual e necessário, especialmente diante dos desafios impostos à educação no século XXI, como o avanço das pedagogias autoritárias, a mercantilização do ensino e o apagamento de práticas pedagógicas críticas. Retomar Freire é resistir ao esvaziamento da escola como espaço de pensamento, cultura e transformação.

No plano empírico, este estudo pode subsidiar pesquisas futuras que se proponham a investigar práticas docentes inspiradas nas ideias freirianas, em diferentes níveis e contextos de ensino. A sistematização das categorias analíticas – “docência como ato político e amoroso”, “autonomia como processo formativo” e “liberdade como fundamento do saber crítico” – pode orientar estudos de campo que busquem identificar como esses princípios se concretizam (ou não) nas práticas pedagógicas cotidianas.

Também se recomenda que as escolas, universidades e políticas públicas de formação docente incorporem a pedagogia da autonomia como fundamento para repensar o currículo, a gestão e a relação entre teoria e prática. Há uma urgência em garantir condições materiais, formativas e políticas para que educadores possam exercer sua profissão com liberdade, dignidade e compromisso crítico com os sujeitos que educam.

Por fim, o ato de ensinar como liberdade, como proposto neste trabalho, não é uma utopia inalcançável, mas um horizonte a ser continuamente buscado, sustentado pela esperança ativa, pela escuta sensível e pela coragem de romper com práticas que negam a humanidade dos sujeitos. Como nos lembra Paulo Freire: “A boniteza do ensinar está em sua abertura, em sua criatividade, em sua disposição para inventar o mundo com os outros” (Freire, 2019a, p. 102). Que este artigo possa contribuir com essa invenção coletiva.

AGRADECIMENTOS

A realização desta pesquisa só foi possível graças ao apoio de diferentes instituições que têm contribuído de maneira significativa para a formação docente crítica e comprometida



com a transformação social. Agradecemos, primeiramente, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo fomento ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que tem fortalecido a articulação entre teoria e prática nos cursos de licenciatura em todo o país.

Estendemos nossa gratidão à Universidade Federal do Maranhão (UFMA), espaço formativo que acolhe nossas inquietações, promove o pensamento crítico e sustenta, com excelência e compromisso, o desenvolvimento da pesquisa, do ensino e da extensão voltados à educação pública de qualidade, bem como as instituições federais como o Cogn e o IFMA.

Reconhecemos, com apreço, o papel da Secretaria de Estado da Educação do Maranhão (SEDUC-MA), cuja parceria tem viabilizado ações pedagógicas fundamentais para a valorização da escola pública e para a consolidação de práticas docentes inspiradas em fundamentos ético-políticos como os de Paulo Freire.

Por fim, agradecemos à Secretaria Municipal de Educação (SEMED), espalhadas pelo estado do Maranhão, que vem sendo uma aliada na abertura das escolas para o diálogo entre universidade e rede básica, permitindo que experiências formativas emancipatórias se concretizem por meio da presença dos(as) bolsistas do PIBID nas salas de aula.

A todas essas instituições, nosso reconhecimento e gratidão por acreditarem na força da educação como prática de liberdade e por apoiarem projetos que formam educadores(as) críticos(as), sensíveis e comprometidos(as) com a transformação da realidade.

REFERÊNCIAS

- APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo**. São Paulo: Cortez, 2006.
- ARROYO, Miguel. **Escritas de si, escritas de nós: saberes e trajetórias docentes**. São Paulo: Paulus, 2017.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- DUSSEL, Enrique. **Filosofia da libertação**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 53. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019b.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 74. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019a.
- GIRIOUX, Henry. **Pedagogia crítica e educação democrática**. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- NÓVOA, António. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1999.
- SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 18. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.



WALSH, Catherine. Interculturalidade e colonialidade do poder: um pensamento outro e práticas outras. In: WALSH, C. (Org.). **Interculturalidade, descolonização e educação**. São Paulo: ALAI/Palas Athena, 2009.

